



Asociación de Universidades  
GRUPO MONTEVIDEO



UNICAMP



## PROJETO VIDAS PÚBLICAS: A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS DA ESCOLA CAPISTRANO DE ABREU NA CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS SOBRE MIGRAÇÃO E REFÚGIO

**Flavia Guerra Cavalcanti**<sup>1</sup>

**Renata Bastos da Silva**<sup>2</sup>

**Carolina de Miranda Spirito**<sup>3</sup>

**Mariana T. Boschetti**<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Professora Associada do Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID), UFRJ, Curso de Relações Internacionais.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), UFRJ.

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia pela UFRJ.

<sup>4</sup> Graduanda em Relações Internacionais pela UFRJ.

Email: flaviagcavalcanti@yahoo.com.br

As migrações internacionais têm se tornado um dos temas mais debatidos na imprensa e na academia no século XXI. A devastação econômica e ambiental, as guerras e as perseguições por motivo religioso, político, de raça ou gênero estão entre os propulsores da migração. No início de 2020, o Brasil possuía, segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE, 2018), 11.231 refugiados reconhecidos e 161.057 mil solicitações de refúgio. A lei brasileira garante ao solicitante de refúgio e aos detentores do *status* de refugiado os mesmos direitos dos estrangeiros permanentes, o que lhes permite serem atendidos pelo SUS e frequentar escolas públicas. Mas como as escolas brasileiras vêm acolhendo essas crianças? Quais os recursos disponíveis para entender o Outro vindo de lugares e culturas tão diferentes das nossas? Observando esse cenário, as professoras Renata Bastos (IPPUR) e Flavia Guerra (IRID) elaboraram o projeto de extensão “Vida pública: como os temas republicanos impactam a integração de crianças refugiadas nos espaços escolares e de ensino do Estado” com o objetivo de auxiliar a comunidade escolar, professores, estudantes, responsáveis e técnicos da área educacional que trabalham com crianças refugiadas e/ou migrantes. Por conta da pandemia de COVID-19, o grupo concentrou-se em pesquisas on-line entre 2020 e 2021, tendo iniciado a prática em sala de aula apenas em 2022, na escola municipal Capistrano de Abreu. Estabeleceu-se que a metodologia seria participativa e baseada na produção de textos coletivos pelas crianças. Os primeiros encontros foram estruturados em torno da leitura do artigo “A doçura como

virtude”, de Rosely Sayão, e do livro “Amores Improváveis”, de Edney Silvestre. Em um segundo momento, as crianças foram estimuladas a criar suas próprias histórias a partir das figuras do livro que tratavam de temas como migração, diferenças culturais, etnia, raça e hospitalidade. A escrita de textos coletivos é uma metodologia que permite a explicitação de decisões sobre estratégias de escrita. Os alunos precisam negociar com os colegas e, muitas vezes, com o próprio professor, o que dizer no texto e como dizer. A produção textual coletiva e a posterior apresentação oral no Memorial Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, mostraram como as crianças conseguiram assimilar, de maneira lúdica, assuntos complexos como migração e raça. Em suma, a experiência na escola Capistrano de Abreu confirma o protagonismo das escolas na formação de crianças abertas ao novo, ao diferente, àquele que provém de outro país e precisa ser acolhido pela sociedade receptora.

Migração. Refúgio. Criança. Escola. Integração.

Fonte de financiamento: Bolsa Faperj.

Eixo Temático: Formação de Cidadania, Direitos Humanos e Inclusão.